

ÍNDICE

Nota Editorial.....	II
Prefácio.....	13

P R I M E I R A P A R T E

O H O R Ó S C O P O D E P O R T U G A L

Explicação.....	29
<i>Capítulo I</i>	
O Horóscopo de Portugal	33
<i>Capítulo II</i>	
No Corredor do Claustro.....	47
<i>Capítulo III</i>	
Do Segundo para o Terceiro Dia	51
<i>Capítulo IV</i>	
O Carro	55
<i>Capítulo V</i>	
Irmão Kadosch.....	65

S E G U N D A P A R T E

H I S T Ó R I A S E C R E T A D E P O R T U G A L

Introdução	75
------------------	----

No Ciclo dos Reis

Capítulo I

- Onde se vê que, ao abrir o Portal Sul dos Jerónimos,
se abre a porta da História de Portugal 87

Capítulo II

- O Enigma da “Bérrio” e a Iniciação de Nicolau Coelho 97

Capítulo III

- A Fonte dos Gamos de Pero Meogo
ou o Templo Maçónico dos Gamas 113

Capítulo IV

- De como o destino de Portugal está ligado
à Iniciação de Nicolau Coelho 121

No Ciclo do Clero

Capítulo V

- Fenómenos Misteriosos 133

Capítulo VI

- O Esoterismo de *Os Lusíadas* 137

Capítulo VII

- António Vieira e a Ideia do Quinto Império 155

No Ciclo do Povo

Capítulo VIII

- Fernando Pessoa, Rectificador da Maçonaria 161

Capítulo IX

- Teixeira de Pascoaes, o Poeta da Natureza 173

Capítulo X

- A Monarquia Templária de Dante 187

<i>Conclusão – Capítulo XI</i>	
Últimas Reflexões de um Profano.....	199

ESCRITOS AFINS

Homens sem sono.....	207
Rascunho de uma carta para Max Hölzer	210
Sobre a Pátria.....	212

MARGINÁLIA

Cartas de António Carlos Carvalho para António Telmo

Carta I (5 de Janeiro de 1977).....	219
Carta II (17 de Janeiro de 1977)	221
Carta II (9 de Fevereiro de 1977)	222

Cartas de Ernâni Roque para António Telmo

Carta I (10 de Março de 1977).....	225
Carta II (23 de Março de 1977)	225
Carta III (18 de Junho de 1977).....	226
Carta IV (1 de Julho de 1977).....	227

CAPÍTULO I

O HORÓSCOPO DE PORTUGAL

Como é habitual nos intelectuais europeus, o Conde de Keyserling não gostava de nós. Mas devemos admitir que as páginas que escreveu sobre os portugueses, depois da sua breve passagem por Portugal, contêm muita coisa certa como, por exemplo, essa de nos achar mesquinhos, invejosos e explosivos. Fernando Pessoa não gostou, respondeu-lhe. Não sabemos se a carta chegou a ser enviada. Veio recentemente à luz, arrancada das trevas do baú por Teixeira da Mota.

Nela, depois de ter mostrado que não há só um Portugal, mas três, o poeta vaticina o desaparecimento do terceiro e a ascensão gloriosa de um quarto Portugal, que será a manifestação superior do primeiro e do segundo. O que é esse terceiro, esse primeiro e esse segundo?

«O terceiro Portugal que encontrareis à superfície dos Portugueses visíveis, é aquele que, depois da curta dominação espanhola, e durante todo o curso inanimado da dinastia de Bragança, da sua decomposição liberal, e da República, formou esta parte do espírito português moderno que está em contacto com a aparência do mundo. Esta terceira alma portuguesa é apenas um reflexo mal compreendido do estrangeiro; segue a civilização como uma criança segue o estrangeiro que passa, por uma hipnose, não do homem, mas só do seu caminhar.» Do primeiro Portugal ou primeira alma portuguesa diz assim: «...nasceu com o próprio país; é esta alma da própria terra, emotiva sem paixão, clara sem lógica, enérgica sem sinergia, que encontrará no fundo de cada Português, e que é verdadeiramente um reflexo espelhante deste céu azul e verde cujo infinito é maior perto do Atlântico.» Finalmente



e com mais demora fala do segundo Portugal por este modo: «Há uma segunda alma portuguesa, nascida (isto é apenas uma indicação cronológica) com o começo da nossa segunda dinastia, e retirada da superfície da acção com o fim – o fim trágico e divino – desta dinastia. Depois da batalha de Alcácer-Quibir, onde o nosso Rei e Senhor DOM SEBASTIÃO foi atingido pelas aparências da morte – não sendo senão símbolo, não era possível morrer – a alma portuguesa, que procurará em vão, tornou-se subterrânea. A partir daí tornou-se verdadeira, pois a sua origem era também subterrânea, e veio-nos de mistérios antigos e de sonhos antigos, de histórias contadas aos Deuses possíveis antes do Caos e da Noite, fundamentos negativos do mundo.

Esta alma portuguesa, herdeira, por razões e desrazões que não é legítimo explicar ainda, da divindade da alma helénica, fortificou-se na sombra e no abismo. Outrora descobriu a terra e os mares; creou o que o mundo moderno possui que não é antigo, pois os outros dois elementos do mundo moderno (a substituição da cultura helénica a semi-cultura latina, obra do Renascimento italiano, e o individualismo, obra da Reforma e da Revolução inglesa) são elementos obtidos por uma transposição de diferentes elementos das antigas religiões e civilizações; não são criados integralmente como o oceanismo, o universalismo e o imperialismo à distância que foram os resultados produzidos conscientemente pelo primeiro movimento divino da alma portuguesa, do *segundo* estado da Ordem secreta que é o fundo hierático da nossa vida.»

Se bem entendemos, o primeiro Portugal, nascido com a primeira dinastia, é ainda hoje o que está no fundo de cada português; o segundo Portugal, cumprida metade da sua missão com a segunda dinastia, tornou-se subterrâneo; à superfície da história ficou o terceiro Portugal, surgido com a dinastia dos Braganças e prolongando-se pela República.

Obedecendo a uma indicação de origem indeterminada, veio-me a ideia de verificar se esta tríplice divisão de Portugal tinha correspondência no horóscopo que, de Portugal, traçou o mesmo Fernando Pessoa. Para isso, tive de fazer umas contas.

Estudando a página com o horóscopo que Fernando Pessoa nos deixou, não é difícil ver que, por cada grau, o Sol, ali designado por Osíris, percorre 2,75 anos aproximadamente. O cálculo faz-se com os dados fornecidos pelas colunas de datas e signos inscritas no lado direito da página:



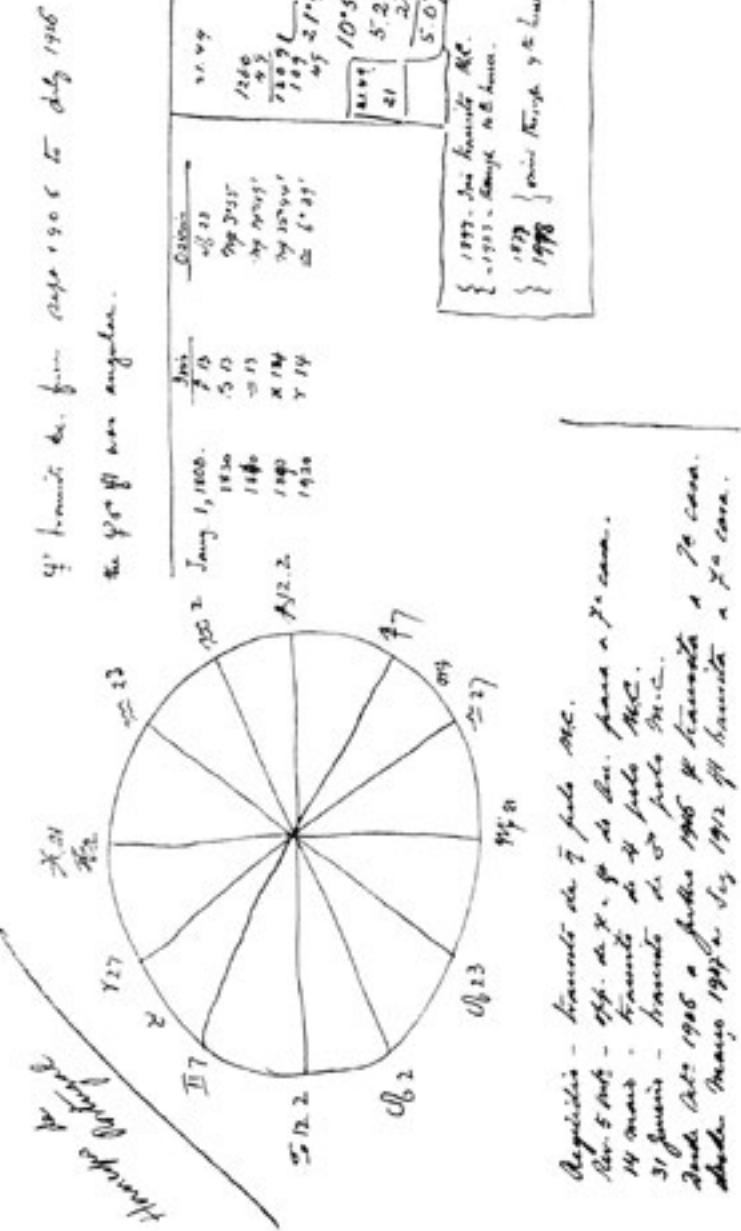


Fig. 2 – Fac-Simile do Horóscopo de Fernando Pessoa

Osíris

1 de Janeiro, 1800	Leão 23 graus
1830	Virgem 3 graus e 55 minutos
1860	Virgem 14 graus e 49 minutos
1890	Virgem 25 graus e 44 minutos
1920	Balança 6 graus e 39 minutos

Encontrado o número 2,75 anos para cada grau, é igualmente fácil a datação de todo o horóscopo. Quem sabe fazer contas pode verificar a exactidão das minhas; quem não sabe ou não estiver para isso terá de confiar em mim. As correspondências que resultam daquela datação são, no essencial, as que aparecem na figura 2.

Olhando, vê-se que Fernando Pessoa pôs como início da história de Portugal o ano de 1096, o momento em que o Conde D. Henrique tomou posse do Condado Portucalense. Esse ano corresponde à entrada do Sol na sexta Casa (grau 7 do Sagitário). É a Casa sexta a última do hemisfério nocturno. O esboço de Portugal, como é próprio de todo o começo, faz-se na obscuridade. Só passados cem anos, o Sol emergirá para a luz no grau 12 de Capricórnio.

Dizer o Sol ou dizer Portugal é o mesmo, dentro da simbólica astrológica do poeta. Todo o povo é uma luz e a sua história é, como vida, a sucessiva manifestação dessa luz até à exaustão ou até à conflagração. O ciclo da vida de Portugal será de 992 anos que é o tempo da revolução solar, isto é o tempo que se cumpre pelo reencontro do grau 7 de Sagitário. Se as contas estão certas e exprimem a verdade, temos apenas mais 92 anos para viver, já que de 1096 até 1996 vão 900 anos exactos. Diz, porém, Fernando Pessoa na carta ao Conde de Keyserling que o ciclo não se encerra fechando-se sobre si próprio, porque, chegado o fim, haverá ainda o segundo e o terceiro dia da manifestação da alma portuguesa. O primeiro dia foi o que se cumpriu com a dinastia de Avis, «foi aventura material, conquistas de costas, de areias». Essa aventura material, no segundo dia, «tornar-se-á uma aventura formidável, supra-religiosa, passada nessa “No God's Land” que fica entre o Homem e os Primeiros Deuses». Não será, porém, a aventura definitiva, haverá um terceiro dia: «a conquista prometida do Céu de Deus», terceiro dia cujo



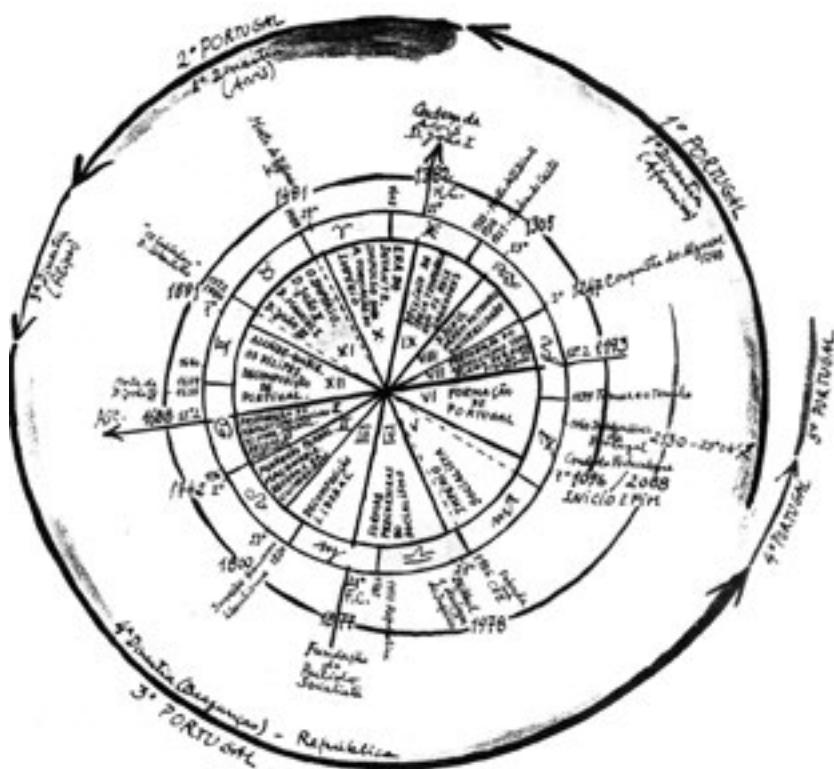


Fig. 3 – Fac-Simile do Horóscopo de Portugal (António Telmo)

dealbar começará em 2130, duzentos anos depois da carta ao Conde de Keyserling, escrita em 30 de Abril de 1930.

Ora o Sol, na sua revolução, passa pelo grau 7 de Sagitário (Condado Portucalense) em 2088 e pelo grau 23 do mesmo signo (Independência de Portugal e sua sagrada) em 2130.

Dissemos que «o Sol passa» e está certo porque nunca há perfeita coincidência de dois pontos; passa, isto é segue em espiral para iniciar novo ciclo noutro plano espiritual. O segundo e o terceiro dia serão em ascensão, primeiro do mundo terrestre para o mundo intermediário (*No God's Land*), depois do mundo intermediário para o mundo divino. A morte histórica terá, pois, a sua data marcada para 2088.

